

Tramas, sordidez e superação



*Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia*

Sejam lá quais forem as providências que as autoridades vierem a tomar, diante das investigações e apurações desenvolvida pela CPI do Medicamento, o universo farmacêutico brasileiro já começa a sofrer profundas mudanças e conseqüências. A mais transformadora dessas conseqüências é a resposta que a sociedade dá ao que está ocorrendo.

A CPI iniciou os seus trabalhos, movida pelo desejo de investigar e apurar as suspeitas de estar ocorrendo uma das maiores atrocidades contra o povo brasileiro: o aumento abusivo nos preços dos medicamentos, que pode ser entendido também como uma barbárie, pois priva o cidadão de ter acesso àquilo onde reside a sua cura, a sua vida.

Os corajosos parlamentares integrantes da CPI sabiam que estavam lidando com fortalezas "intransponíveis", que abrigam um poder soado em algo em torno de 13 bilhões de dólares. A indústria farmacêutica é uma das que mais crescem, no mundo inteiro, e, no Brasil, é a que apresenta as maiores margens de lucro. O setor triplicou a sua arrecadação, de 1994 para cá, sem produzir mais unidades. Ou seja, o preço médio do medicamento subiu de US\$ 2,2 para US\$ 6.

Mas os deputados não vergaram diante desse poder e se lançaram em busca das caixas pretas que guardam segredos "irreveláveis". Pouco tempo de trabalho, e a CPI já minava algumas resistências desse poderio, dando em labirintos abissais, onde há indícios de tramas, sordidez etc., a exemplo da tal reunião secreta de executivos de laboratórios multinacionais cuja pauta centrava-se em se tramam um jeito de implodir a política de medicamentos genéricos. Isso é uma urdidura que demonstra o que essa gente quer dos Genéricos. Sem contar com a campanha arrogante que a Abifarma fez na *mídia* para confundir a opinião pública sobre similar e genérico. A campanha, de preço astronômico (cerca de US\$ 7 milhões) tinha o objetivo de desacreditar os genéricos, através do descrédito do similar. E mais: a Abifarma punha-se no papel de vigilante sanitário.

Outra pústula encontrada pela CPI foi o superfaturamento, que revela também indícios de burla de impostos e envio de remessa de dinheiro para fora do País. Funciona assim: laboratórios instalados, no Brasil, estariam comprando matéria prima de outras empresas do seu grupo, no exterior, a preços exorbitantes em relação ao praticado no mercado internacional. É a forma para a saída de ativos.

Como pagam uma bagatela de taxa de importação (algo em torno de 3%) e nada de taxa de IPI, a manobra fica fácil. Aí, declaram que tiveram lucro pequeno e, com isso, dobram o Leão, pagando menos Imposto de Renda. A cada dia, a CPI vai detonando colunas das fortalezas. Mas a maior delas é a confirmação do que já era uma suspeita e objeto de muitas denúncias – a de que os preços dos medicamentos sobem mesmo, abusivamente.

Se, por um lado, os genéricos e o universo farmacêutico, em geral, são marcados por essas máculas, por outro, eles trazem uma história de grandeza e de superação. Exemplos são a coragem e a determinação da CPI, bem como a sabedoria do povo, que não caiu na conversa de que genéricos são medicamentos de qualidade inferior. O povo está descobrindo que a cura está no princípio ativo e não na marca. Prova disso é a confiança com que a população já ia aos estabelecimentos para comprar similares com nome de marca ou com o nome do princípio ativo. E prova maior é, agora, com as vendas de genéricos acima de qualquer previsão. A imprensa não se cansa de trazer matérias, tratando das supervendas e dos laboratórios que produzem genéricos, obrigados a funcionar em três turnos, para atender à demanda.

Em janeiro, fomos convidados a falar, na CPI. Apresentamos várias sugestões para baratear os preços dos medicamentos. Investimentos significativos do Governo em laboratórios estatais, redução da carga tributária que incide sobre os laboratórios, foram algumas dessas nossas sugestões. O Brasil possui vários laboratórios pertencentes aos Estados, à União e às universidades. Muitos desses laboratórios têm boa estrutura e pessoal de alto nível. Falta o apoio financeiro para que eles possam produzir, em larga escala, o medicamento essencial à população.

Pedimos, também na CPI, mais uma vez – e com total respaldo dos parlamentares –, que o Ministério da Saúde reconheça como genéricos a lista do CFF, contendo os medicamentos que constam da Rename e que são contemplados pela Resolução 391/99, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que isenta certos medicamentos de se submeterem ao teste de bioequivalência. Isso apressaria a chegada de mais genéricos aos estabelecimentos.

Na CPI, denunciemos a aberração, que é a transformação de farmácias em mercearias. Estas vendem medicamentos como uma mercadoria qualquer, transformando-os na estrela do lucro. Muitas vezes, do lucro fácil. Farmácia é um estabelecimento de saúde, que deve estar mais identificada com as leis sanitárias que com as leis de mercado. E deve ter à frente, como o seu regente, única e exclusivamente o farmacêutico.

Estamos diante de um conjunto de mudanças e de proposta que, se virem a ser adotadas, vão fazer do universo farmacêutico brasileiro algo melhor, mais justo, mais humano. Os 75 milhões de brasileiros, hoje, totalmente privados de adquirir o seu medicamento, teriam o acesso digno ao produto, e o SUS se beneficiaria com uma economia de mais de US\$ 1 bilhão por ano. Tanto benefício pode não interessar a alguém? Pense bem.